Patrícia Anthony

Territórios criativos de um possível Teatro Migrante – O caso do Movimento Zebra

Cet article propose une étude de cas descriptive réalisée pendant l'année de 2021 auprès du Projet Movimento Zebra avec l'intention de démontrer que le théâtre est un outil efficace de fondation des territoires créatifs interculturels. La proposition du terme Théâtre Migrant, est inspiré par les études d'Emma Cox (2014), Szabolcs Musca (2019) et Musca & Corrêa (2020) avec une ampliation de ce terme pour donner une ouverture aux possibilités de déplacement et errance en même temps qu'inaugure une expérience de corporalité et d´espace éthique en dialogue avec le concept d'interculturalité selon l'auteur Nestor Garcia Canclini (2009) à lumière de la décolonialité expressée dans les recherches de l'écrivaine Catherine Walsh (2018).

Palavras-chave: Théâtre Migrant; Territoires créatifs; Movimento Zebra; Interculturalité; Décolonialité.

Apresentação

Neste artigo, buscarei relacionar algumas perspectivas conectadas com o tema das migrações, partindo da ideia de *exiliance*, teorizada por Alexis Nouss (2016) em seu livro *Pensar o exílio e a migração hoje*, onde o autor afirma que:

> [...] compreender o migrante como um exilado é reconhecer-lhe um estatuto simultaneamente existencial e político, primeira premissa para a elaboração de um direito de exílio que resolva a contradição vigente entre mobilidade e exclusão, inclusive em regimes democráticos. (Nouss, 2016: 3)

A proposição de uma mudança de perspectiva social e política em torno do migrante é um modo de valorização do percurso do indivíduo que migra, estimulando assim a compreensão de suas subjetividades. Assim como o exilado, o migrante e sua experiência são portadores de sentidos e de histórias. Deixando de ser um mero número estatístico, o indivíduo que migra é enxergado em suas unicidades e especificidades. O termo "migrância", na reflexão de Leonardo Tonus (2018), é repensado em articulação com o conceito de teatro migrante. A migrância é uma expressão veiculada pelos pesquisadores, artistas e membros da sociedade civil que compõem o Projeto Migra[1]. O mesmo termo dá nome ao nº 58 (2019) da *Revista de estudos da literatura brasileira*, intitulado *Novas poéticas da migrância*, organizado pelo mesmo autor. A escolha dessa nomenclatura faz referência à migração enquanto um processo em curso e foca-se nas representações dos processos migratórios na Literatura e nas Artes, dialogando com a reflexão que proponho neste artigo.

[1] "Entre abril e outubro de 2021, mais de 80 escritores, artistas, cineastas, dramaturgos, ilustradores, pesquisadores e atores da sociedade civil participarão do projeto MIGRA (2021) que visa, entre outros, estabelecer um diálogo transnacional e transdisciplinar sobre as vivências da migrância nos dias de hoje. Debates, leituras, jornadas acadêmicas, encontros com estudantes e lançamentos de livros serão organizados através de nossos canais Youtube e Facebook em parceria com diversas instituições brasileiras e internacionais. O conjunto das atividades compreende uma comissão organizadora composta por pesquisadores, docentes e atores do mundo cultural no Brasil, da Europa, dos Estados Unidos e do Canadá" (Apresentação do site do projeto). Ver mais em MIGRA (projetomigra.com).

A referência ao teatro migrante está presente na obra *Theatre & Migration*, da autora Emma Cox (2014), em diversos artigos de Szabolcs Musca (2019) e Szabolcs Musca e Graça P. Corrêa[2] (2020). Podendo ser traduzido como "teatro migrante" ou "teatro dos migrantes", busca dar conta da representação de migrantes nas formas teatrais e suas novas modalidades. Opto neste artigo pela tradução "teatro migrante", expressão mais ampla, onde o próprio conceito de teatro é permeável à migração e onde as ideias de deslocamento e errância estão presentes. O teatro migrante é entendido como uma *prática de corporalidade* e *um espaço ético* em Sara Ahmed (2000) e em Emma Cox (2014), ideia corroborada pelas análises de Szabolcs Musca e Graça P. Corrêa (2020), que sugerem que o teatro migrante é um espaço ético corporal de relações com a alteridade. As reflexões apresentadas neste estudo de caso descritivo com foco no Movimento Zebra[3] , vinculado ao Projeto Setúbal Território Intercultural, apoiam-se ainda nos conceitos de decolonialidade de Catherine Walsh (2018) e de interculturalidade de Nestor Garcia Canclini (2009).

O primeiro contato com o Movimento Zebra remonta a um mapeamento de projetos artísticos realizado no ano de 2019, direcionando o trabalho de campo a realizar no âmbito da minha tese de doutoramento. Neste artigo, retomo alguns debates teóricos propulsionados pela seguinte questão: como é abordado o tema das migrações em projetos artísticos?

A escolha do Movimento Zebra para a realização deste estudo de caso contribui para a reflexão sobre a constituição de um exemplo de um possível teatro migrante.

[2] Estas pesquisas estão relacionadas com o Projeto de Pesquisa *Teatro e Migração* e com o Projeto *Migrants Dramaturgies Network*.
Ver mais em https://migrantdramaturgies.tumblr.com/ e em *Rede Migrant Dramaturgies Network* (MDN) (Musca, 2019).

[3] Projeto realizado pelo Grupo Teatro o Bando junto ao Projeto Setúbal Território Cultural. Ver mais em MOVIMENTO ZEBRA (2020) - Teatro O Bando.

Pensar as migrações e o Teatro Migrante à luz da decolonialidade

O ponto de partida para pensarmos sobre o conceito de migração é a proposição de Alexis Nouss (2015), que sugere retirar o anonimato vinculado à evocação da palavra "migrante". Nesse sentido, o autor afirma que, antes de tudo, o migrante é um exilado. Na etimologia da palavra *migrant* (migrante) em francês, existe uma conotação animalesca ligada ao deslocamento de diversas espécies de um território para outro. Segundo Nouss, ao contrário da migração dos animais, os seres humanos exilam, movidos por um projeto. A palavra "exilado", no contexto do ano de 2015, daria um novo significado à condição do migrante. Sobre esta proposição, uma passagem do autor na conferência transcrita na obra *L'exil et la migration: rupture ou continuité?* esclarece o seu emprego:

> Qui sont-ils? Toute la question. Une masse anonyme, sans visage, sans nom, que le pluriel obscurcit encore davantage; les migrants, les réfugiés. Toutes origines confondues, tous itinéraires confondus, sans continuité de destin avec leurs prédécesseurs. D'où l'intérêt de les nommer "exilés" parce que l'exilé est un sujet, porté par une histoire et porteur d'une mémoire, un sujet en exil, un sujet de l´exil. Avec un récit à partager, une expérience à offrir et à transmettre, car l'exil est une catégorie fondatrice connue de la culture occidentale. (Nouss, 2017: 32)

No entanto, Nouss admite que atualmente este termo se encontra num impasse, por estar envolvido em uma certa heroicização da figura do exilado, o que contrasta com as condições indignas e desumanas em que alguns migrantes se encontram. O objetivo do autor é repensar, na cultura ocidental e especificamente na cultura francesa, a memória do exílio, pois os exilados do século XX eram também migrantes. O autor diferencia os processos migratórios anteriores aos da atualidade. Para o autor, os fenômenos dos fluxos migratórios ocorridos na Europa, intensificados desde 2015, não são uma crise, como mencionado pelos mídia, mas "catástrofes humanas" que ocasionaram inúmeras mortes. A sua proposição atual para nomear os que conseguiram a travessia da migração com vida é o termo *l'arrivant(e)* ("recém-chegados" ou "chegados"), de modo a sensibilizar uma mudança de compreensão para a transposição do direito de asilo para o direito de exílio e um olhar para o indivíduo em sua subjetividade.

A definição do termo "migração" remete ainda para um processo de

> [...] atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes económicos. (OIM, 2009: 40)

Esta conceituação enquadrada no Glossário sobre Migração nº 22 da Organização Internacional para as Migrações (OIM), abrange a percepção sobre o termo, ao englobar diversas modalidades de migrações.

Outro termo aqui revisitado é o de migrância, proposto pelo pesquisador Leonardo Tonus e pelo Projeto Migra. No conjunto de *lives* realizadas por este projeto, o termo "migrância" é usado referindo-se aos processos de migrações e suas representações na Literatura e na Arte. A preocupação da representação do migrante e da migração na Literatura e na Arte surge tanto em Nouss (2016) quanto em Tonus (2018). A migração é pensada como migrância, uma palavra presente no contexto brasileiro e apresentada no artigo "Migrantes e refugiados: à (a) espera de uma narrativa?" (Tonus, 2018). Para este autor, até ao verão de 2015, a narrativa sobre migrantes e refugiados era um problema dos chamados "países tampão"[4] . Um extrato de seu texto lembra-nos quando essa questão passou a ser um foco de atenção da mídia internacional:

> A cobertura midiática atinge o seu pico com o falecimento "morte" (sic) do sírio Alan Kurdi, o pequeno Aylan, cuja fotografia foi destaque internacional nos dias 3 e 4 de setembro de 2015 [...] Se a foto destas e de tantas outras crianças mortas durante a tragédia das últimas migrâncias ainda emociona e "sidera" a opinião pública, ela já não suscita compaixão. (idem, 477–478)

O ponto crucial no artigo de Tonus é a problematização sobre a forma como o drama da crise humanitária ligado à migração passa a ser um tema de interesse na cena artística internacional. Ao longo do seu artigo são citados inúmeros exemplos de artistas que em suas obras buscam chamar a atenção para esta questão. Esta observação vai ao encontro do questionamento lançado neste artigo: como é abordado o tema das migrações nos projetos artísticos? É com este foco que encontramos uma ponte proveitosa para refletir sobre as representações das migrações presentes em projetos artísticos.

As migrações têm perpassado diferentes culturas e épocas enquanto fenômeno milenar, estendendo-se até à contemporaneidade. A sua ancestralidade permite traçar elos com as migrações pensadas decolonialmente, com o teatro migrante e com os processos de interculturalidade, retomada aqui de acordo com a concepção do antropólogo argentino Néstor Garcia Canclini. Segundo o autor, a "interculturalidade implica que os diferentes se encontram em um mesmo mundo e devem conviver em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos" (Canclini, 2009: 144). A complexidade presente nos processos migratórios torna pertinente a aproximação da visão decolonial pensada por Catherine Walsh (2018).

> Desde luego, fue con la invasión colonial-imperial de estas tierras de Abya Yala – las que fueron renombradas "América" por los invasores como acto político, epistémico, colonial – que este enlace empezó tomar forma y sentido. Se podía observar claramente en las estrategias, prácticas y metodologías – las pedagogías– de lucha, rebeldía, cimarronaje, insurgencia, organización y acción que los pueblos originarios primero, y luego los africanos y las africanas secuestrados, emplearon para resistir, transgredir y subvertir la dominación, para seguir siendo, sintiendo, haciendo, pensando y viviendo – decolonialmente – a pesar del poder colonial. (Walsh, 2018: 25)

Essa compreensão é necessária para dar dimensão das diversidades nas migrações contemporâneas e das mudanças de narrativas sobre o tema. Os movimentos de reconstrução da História em várias áreas, tais como a antropologia, a sociologia, a literatura e as artes do espetáculo assistem a esses redimensionamentos e questionamentos de termos e apologias a um passado colonial que deixou um rastro de colonialidade[5] presente ainda nos dias de hoje e

[4] O autor refere-se aos países que se encontram próximos das fronteiras da França: "Até ao verão de 2015, migrantes e refugiados eram um problema dos chamados países tampão, em que os estados do Norte da Europa se mantinham à margem." (Tonus, 2018: 477).

[5] Termo recuperado dos escritos de Patricio Guerrero Arias (2010). Focando-se nas dimensões dos processos de colonialidade que operam nos três níveis chaves: colonialidade do poder, do saber e do ser. "La colonialidad del saber impone una colonialidad epistémica sustentada en la hegemonía y la universalización de la razón, y el imperio de la ciencia y la técnica, como únicos discursos de verdad para poder hablar sobre el mundo y la vida. La epistemología de la ciencia moderna se constituye como hegemónica, y así se silencian e invisibilizan otras culturas y sabidurías, que están fuera de la epistemología dominante, y se considera que son incapaces de sentir, pensar, decir y hacer por sí mismas, y peor, de poder construir conocimientos, sino apenas saberes pre-científicos, vistos como curiosidades exóticas que deben ser estudiadas. Por su parte, los actores subalternados son considerados simples objetos de conocimientos, como informantes, y no como sujetos con capacidad de producir conocimientos, y desde entonces se ha construido una perversa dicotomía entre trabajo manual e intelectual" (Arias, 2010: 87).

que faz parte do cotidiano de inúmeros migrantes dos países que foram antigas colônias.

O solo fértil onde tem germinado o conceito de Teatro dos Migrantes é semeado por inúmeros autores entre os quais destaco a autora Emma Cox, com sua obra *Theatre & Migration* (2014) e os autores Szabolcs Musca e Graça Corrêa (2020) no artigo "'White People All Over': Refugee Performance, Fictional Aesthetics, and Dramaturgies of Alterity Empath". Em Cox, escolheu-se o termo *theatre of migration* (teatro de migração) para responder aos diferentes contextos das migrações. A sua reflexão questiona ainda a eficácia política de documentação que separa os migrantes como ilegais ou legais: o que torna a livre movimentação dos indivíduos no globo uma questão de possuir ou não poder aquisitivo. Emma Cox relata, em sua obra, experiências teatrais que trazem uma compreensão a respeito dos migrantes e do teatro de migração, abrindo um leque de possibilidades para enxergarmos as suas subjetividades. Por outro lado, a autora discute em termos culturais e políticos o uso dos mitos e dos cânones em torno da migração, propondo o termo *mitopoéticas*[6] da migração.

Os autores Szabolcs Musca e Graça Corrêa (2020) contribuem para uma análise crítica sobre o teatro dos migrantes como um lugar de implementação de um espaço ético para alteridade ao analisarem a iniciativa da performance *Passajar* no festival Todos – Caminhada de Culturas[7] na edição do ano de 2017, em Lisboa, oferecendo argumentações que defendem que o teatro migrante é um espaço ético indissociado da estética, onde posições éticas são colocadas em cena. Concomitantemente, no livro *Theatre & Migration* afirma-se que o espaço ético ocorre na relação com a audiência, ao inspirar a pergunta "Is it by/about them or is it by/about us?" (Cox, 2014: 27). O diálogo entre estes autores contribui para reflexão sobre o Teatro Migrante, podendo ser observados os seguintes aspetos: a migração, como experiência de corporalidade, aliada à ética, propicia ao Teatro Migrante ser um espaço ético de experiência para a autotransformação. A migração corporificada ressurge no trabalho de Szabolcs Musca e Graça Corrêa (2020), quando é apontado que um dos centros da construção artística do teatro migrante passa pelo viés corporal através de uma consciência do corpo em relação com o espaço. Traçando um panorama de como as associações entre corpo e espaço são extensivamente exploradas no teatro migrante, a obra de Cox (2014) evoca o pensamento de Michel De Certeau: "[...] he conceptualised place as physical environment and space and human practices, relations and perceptions within it – or more succinctly 'space is a practiced place'" (*apud,* Cox 2014: 3-4). Pensar o espaço como um lugar praticado, assemelha-se a um dos focos do teatro e sua criação, pois o teatro age transformando os espaços na relação com os corpos que o ocupam. Segundo esta autora, o teatro migrante é um encontro com estrangeiros, pessoas e lugares, que principia a globalização do teatro, pois no encontro teatral as barreiras da língua são transpostas através da corporalidade, circunscrevendo-se ao processo de migração e alteridade referidos na obra de Sara Ahmed (2000). "Theatre about migration opens up bodily lexicons, as well spatial syntaxes. Bodies on stage (or in classroom, or on the street or wherever else performance happens) actualise stories with a voice, accent, skin and history" (Cox, 2014: 4). A abertura de léxicos corporais e sintaxes espaciais encontra-se com as experiências dérmicas do migrante presentes na perspectiva de Sara Ahmed apresentada em seu livro *Etrangers Ecouters*, particularmente no capítulo "Home and way: narratives of migrations and strangements: Migration stories are skin memories: memories of different sensations that are felt on the skin" (Ahmed, 2000: 92). As relações entre ética, corpo e espaço geradas pelas dinâmicas presentes no teatro migrante são um lugar de ação de algumas experiências mapeadas durante o processo de pesquisa. Como exemplo, este estudo de caso descritivo sobre o Movimento Zebra pretende observar o modo como a migração foi experiência de corporalidade e construção de espaços éticos.

[6] "So we have to ask what might be the politics of mythopoetics in theatre of migration. What I´m getting at is: how and for whom is a mythopoetics if migrations functionals, and how and for whom is it disfunctionals?" (Cox, 2014: 11).

[7] Ver mais em https://www.festivaltodos.com/.

Os autores aqui trazidos contribuem para reflexões da investigação com algumas características constituintes do teatro migrante. Com Cox (2014) amplia-se a concepção das diversidades das migrações, e o entendimento sobre o teatro migrante como um agente de globalização da linguagem teatral. Em Musca & Côrrea (2020) o teatro migrante é um espaço ético de alteridade na relação dos corpos com o espaço cênico. Nas linhas teóricas de Ahmed (2000) a migração é concebida como um lugar de memórias dérmicas que, transferindo para o teatro que atua com corpos migrantes, oferece uma experiência de corporeidade que tem no Teatro Migrante o seu lugar de acontecimento.

O caso do Movimento Zebra

No teatro, o corpo não tem fronteiras, o corpo existe enquanto encontro.
A possibilidade de nos encontrarmos sem fronteiras.
O corpo-voz que sente, que imagina, que alcança o indizível.
Trata-se do sentir, o sentir enquanto manifestação política!
Falar um idioma diferente mudará o sentir?
Estará nas palavras o único e legítimo pensamento?
O Movimento Zebra começa no encontro, o encontro de si através do outro.
O encontro que nasce na primeira troca de olhares entre aqueles que nunca se viram.
O Teatro é um pretexto para sentir, um sentir pensante que tem espírito livre e crítico.
O Teatro é um pretexto para estarmos juntos.

(Texto de Abertura do site do Movimento Zebra)

Considerando-se que o encontro é a gênese do teatro, o Movimento Zebra convida ao encontro dos corpos para a construção de um território criativo sem fronteiras, onde o teatro é uma linguagem de comunicação universal: o "encontro com o estrangeiro" referido em Emma Cox (2014). Neste estudo o teatro como lugar de encontro reaparece com a proposição "O Teatro é um pretexto para estarmos juntos". Essa frase motora convoca, sensibiliza e desperta a curiosidade dos transeuntes para uma proposta de aulas de teatro gratuitas destinadas às comunidades migrantes do concelho de Setúbal. De acordo com a apresentação do Teatro O Bando[8] , Movimento Zebra é um projecto artístico

> em parceria com a Câmara Municipal de Setúbal no âmbito do Plano Municipal de Integração de Migrantes (financiado pelo Fundo para o Asilo, a Migração e a Integração), [...] que pretende promover a interculturalidade através da criação artística, num processo de formação na área teatral que valorize o desenvolvimento e apropriação dos conhecimentos e identidades culturais para a criação artística contemporânea. (Grupo O Bando, página online)

O nome do Movimento surge através da observação das características de uniformidade visual que as zebras apresentam entre si, em seu padrão listrado, que mesmo semelhante é único e particular em cada integrante da manada, o que se aproxima do padrão único e individual da impressão digital do ser humano. É na compreensão das individualidades presentes na coletividade que o movimento escolhe essa metáfora e intitula-se Movimento Zebra.

De acordo com Juliana Pinho[9], coordenadora artística do projeto, o Movimento surge da ideia do encenador e fundador do grupo, João Brites, que foi um refugiado político, e consequentemente migrante, durante o período da ditadura portuguesa, retornando ao país em 1974, após o 25 de Abril. Em conversa com o grupo, João Brites partilhou a sua vontade de realizar um projeto artístico teatral que integrasse imigrantes, tornando disponível o método consciência do actor que desenvolveu com o Grupo O Bando para que os integrantes do projeto "soltassem a sua voz".

[8] Uma das mais antigas cooperativas teatrais de Portugal. Autointitula-se como "um colectivo que escolhe a transfiguração estética enquanto modo de participação cívica e comunitária" (O Bando). Com sede em uma quinta no município de Palmela desenvolve projetos teatrais que envolvem as comunidades em seu entorno. Ver mais em "Quem somos - Teatro O Bando" (www.obando.pt).

[9] Juliana Pinho é atriz, membro da direção do Grupo O Bando e coordenadora do Projeto Movimento Zebra. Ver mais em Juliana Pinho – Connect-Up! e MOVIMENTO ZEBRA (2020) - Teatro O Bando. Concedeu-nos entrevista realizada na Quinta do Bando em Palmela no dia 16 de maio de 2021.

A proposta surgiu no ano de 2018 e teve como embrião oficinas de teatro para crianças no bairro da Apelação. Durante o processo de escrita e concepção do projeto o grupo realizou pesquisas junto ao CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia[10] para que a equipe pudesse perceber as diversas concepções sobre os fenômenos das migrações. Este fato foi, segundo Raquel Belchior[11] , de suma importância para o conjunto de profissionais atuantes no Movimento não caírem em equívocos a respeito da temática das migrações. A proposta foi enviada à Câmara Municipal de Setúbal para candidatura e, uma vez aprovada, passou a integrar o Projeto Setúbal – Território Intercultural.

Os autores de inspiração do projeto são André Lepecki, Ailton Krenak, Gonçalo M. Tavares e Maya Angelou. Para Juliana Pinho, a grande preocupação do Movimento Zebra era gerar processos de inter-relações entre as comunidades migrantes, não separando os portugueses dos migrantes. Desse modo, a convocação para as oficinas era tanto para a comunidade portuguesa quanto para as comunidades de migrantes, atitude que preza pelo conceito da interculturalidade já acima clarificado.

As primeiras ações do Movimento foram intervenções de divulgação e deram-se em várias zonas do concelho de Setúbal, das zonas centrais às zonas periféricas, em feiras, praças e em locais de grande circulação de pessoas. As *arruadas teatrais* eram o convite para participação. A identidade visual desta ação do Movimento Zebra pode ser percebida na imagem a seguir.

Fig. 1 - Arruadas Teatrais, *site* oficial do Movimento Zebra.
[F] Raquel Belchior.

[10] É de acordo com o texto de apresentação em sua página na internet oficial "O Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) é uma unidade interuniversitária que existe desde 2007 como unidade de I&D da FCT.

[11] É licenciada em Teatro – ramo de Produção, pela Escola Superior de Teatro e Cinema. É mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, pelo Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa. Iniciou a sua atividade profissional em 2006 no Teatro O Bando, onde colabora pontualmente como produtora. É cofundadora da GALATEIA – edição e produção cultural. Ver mais em: EQUIPA : Projectopescadores (webnode.pt). Concedeu-nos entrevista online no dia 2 de junho de 2021 através da plataforma Google Meet.

As aulas da oficina livre de teatro tiveram início em outubro de 2019 em diferentes sítios do concelho de Setúbal. Devido à falta de disponibilidade de um espaço fixo para a realização dos encontros, iniciaram-se de forma dinâmica e em constante movimento. Num primeiro momento os encontros deram-se na Pousada da Juventude de Setúbal e, posteriormente, em diferentes espaços. Esse fato, que poderia ser um limitador à sua continuidade, torna-se o propulsor do Movimento Zebra, pois a dinâmica de movimento imposta à equipe transforma-se em elemento dramatúrgico e característica principal do Zebra. Afirma Juliana Pinho: "Nós no fundo transformamo-nos mesmo num movimento, o Movimento Zebra, porque éramos obrigados a estar sempre em movimento". Em um período compreendido entre outubro de 2019 e final de janeiro de 2020, as oficinas itinerantes e abertas acolheram mais de cinquenta participantes das mais diversas nacionalidades: italianos(as), franceses, holandeses, chineses, suíços, alemães, russos, angolanos(as), cabo-verdianos(as), brasileiros(as), poloneses, ucranianos(as) e pessoas de países do Leste Europeu. O grupo era composto por diversas faixas etárias, que iam desde crianças de cinco anos até adultos de oitenta anos. A partir de fevereiro de 2020, o grupo fecha-se em laboratório e passa a contar com vinte e seis participantes em encontros semanais. Uma vez por semana ocupavam o antigo Armazém de Papéis do Sado, agora chamado A Gráfica – Centro de Criação Artística, localizado em Setúbal.

A estruturação do projeto deu-se em duas fases: a primeira, de outubro a dezembro de 2019; e a segunda, de janeiro a abril de 2020. Na segunda fase a equipe expande-se e conta com o seguinte reforço: "Assistência de formação e tradução: Amarílis Anchieta, Inês Gregório e Jéssica Pires. Equipa Câmara Municipal Setúbal: Filipa Cardoso, Catarina Ferreira, Lenice Gomes, Luis Brandão" (Relatório de actividades, 2020). Após um processo de laboratório que orbitava em torno do lema: "o gesto e a voz de cada um, sua revolução pessoal", iniciou-se um trabalho dramatúrgico com o objetivo de preparar uma apresentação coletiva a realizar-se em junho do mesmo ano. Nesta segunda fase alguns objetivos do plano de ação do projeto foram trabalhados nos encontros, a saber:

> [...] a introdução dos conceitos teatrais da metodologia do trabalho de actor (Consciência do Actor em cena); o desenvolvimento da consciência sobre a teatralidade inerente a cada participante; o fomento das relações interpessoais do grupo. (Relatório de actividades, 2020)

Já para Raquel Belchior, o foco estava na imaginação. A questão da migração deixou de ser o ponto central do projeto, que passou a focar-se em como os participantes poderiam, através do teatro, explorar os seus imaginários. Neste contexto, a condição de migrante não deveria limitar as experiências dos indivíduos, não deveria ser um rótulo limitador, e, sim parte da história de cada um. Porém, uma questão inicialmente importante entra na construção do Movimento Zebra: a percepção de que o migrante perde seu direito à cidadania plena quando se encontra no processo de migração. Uma passagem do texto de apresentação do projeto confirma esta observação:

> E entre tantos transeuntes (uns mais rápidos que outros), percebemos os imigrantes. Portadores de um movimento singular, os imigrantes escancaram algumas das tantas rupturas do ideal de movimento que, frequentemente, não é pleno: o chegar de um imigrante conclui a dramática percepção de que, para muitos, a mobilidade é um percurso incompleto. Move-se, mas não se torna parte daquela comunidade. Migra, mas abandona na cidade-natal o seu direito à cidadania plena. (Movimento Zebra)

Além de ampliar a reflexão sobre o problema da perda da sua cidadania, o projeto busca potenciar através do teatro uma experiência de migração intercultural com o objectivo de conquistar o pertencimento a um grupo, no território onde os migrantes estejam inseridos. Mesmo que esse processo não se dê igualmente para todos os integrantes do movimento e a questão do pertencimento, como afirma Ahmed (2000), seja complexa e subjetiva, fazer parte do coletivo artístico despertou um sentimento de integração entre os participantes.

É importante destacar a diversidade da equipe do projeto formada por integrantes do grupo O Bando e também membros externos. Na primeira fase do projeto: "destacamos uma equipa de cinco pessoas essencialmente vocacionadas para o projecto: duas formadoras (Juliana Pinho e Suzana Branco), uma produtora (Raquel Belchior) e dois assistentes de formação e produção (David de Alencar e Amarílis Anchieta)" (Relatório de actividades, 2019: 2). Um fator relevante a ser referenciado é que a equipe do projeto contou também com colaboradores acadêmicos, estudantes de doutoramento. Na opinião de Juliana Pinho, é de extrema importância, que acadêmicos e a academia tenham participação e interesse pela realidade, por projetos que estão em ação com comunidades diversas. O relato de Juliana confirma, ainda, uma das esperanças em torno do Teatro Migrante: "to contribute further to such integrative understanding of migrancy and performance, emphasizing the importance of ethical

responsibility both in the artistic practices and in the social and cultural frames that we create around migration" (Musca, 2019: 5).

As dinâmicas que propiciam um espaço ético de corporalidade no Movimento Zebra podem ser enxergadas na construção da dramaturgia do espetáculo produzido, na organização circular das disposições de cena e no posicionamento da audiência, que está cercada e envolvida pelas atrizes, atores e suas performances. Durante a visualização e análise dos documentários da ocupação na Gráfica, do vídeo do espetáculo e dos *teasers* do processo é possível perceber a integração dos participantes na construção do objetivo comum do teatro. Um dos desafios do processo de acompanhamento e pesquisa sobre este movimento foi a impossibilidade de contactar os participantes diretamente, pois, quando o estudo de caso foi iniciado e realizado, os encontros estavam em pausa e aconteceram, em sua última fase, de modo online devido à pandemia da Covid-19. Esse acompanhamento segue em andamento, sendo parte subsequente da pesquisa de doutoramento que este artigo integra.

Movimento Zebra - Processo em pandemia

A pandemia da SARS Covid-19 iniciou-se em março de 2020 no panorama português. Também chegou ao Movimento Zebra e exigiu que a equipe se reinventasse. Os processos foram transferidos para o meio virtual. A coordenadora artística, junto com a equipe, criou um blogue privado, onde através de um login e de uma palavra-passe a equipe e os participantes tinham acesso aos materiais do Movimento Zebra. Os profissionais tinham uma grande preocupação em que os participantes não se sentissem explorados nem usados. Por isso, a privacidade era um acordo a ser respeitado, principalmente no que dizia respeito ao direito de imagem, como comprova o documento de autorização do uso de imagem e de consentimento assinado pelos participantes para a criação dos vídeos que alimentariam o documentário.

> Definiu-se a 16 de março de 2020, uma metodologia de trabalho à distância, através da criação de um blogue [...], uma plataforma de partilha virtual de desafios teatrais semanais, conteúdos pedagógicos, informações sobre a actividade d'O Bando e de outros projectos artísticos. (Relatório de actividades, 2020: 4)

A questão da privacidade revela a preocupação ética com que os responsáveis do projeto se comprometeram e a ligação com a premissa de o teatro dos migrantes ser um espaço ético, como ilustra esta passagem: "I believe that migrant theatre provides an ethical space to examine difficult histories and legacies of migrancy and the complexities of identity formation" (Cox *apud* Musca, 2019: 5).

O blogue privado tinha como objetivo manter "a viagem teatral em curso virtualmente" e servir como um diário de bordo. Em entrevista, Juliana Pinho explicou que lançava semanalmente alguns desafios: os participantes eram estimulados a enviar um vídeo, um texto ou uma fotografia. Juliana Pinto conta:

> Eles podiam responder da maneira que quisessem consoante também o que estava a acontecer. Naquela altura estava toda a gente assustada, e eu nem pensei que me fossem responder, mas a verdade é que responderam. [...] Fizemos ainda uma sessão por Zoom, mas não fizemos muita coisa por aí, pois, não resultava, porque nós não estamos no mesmo espaço, fingimos estar, mas não estamos. Era preferível assumir: estamos em espaços diferentes, mas temos um desafio comum. Por exemplo, o primeiro desafio: eu perguntei-lhes o que aconteceria se eles pudessem abrir a porta de casa. Eles podiam responder em vídeo, ou em fotografia, ou em música ou como quisessem. O engraçado é que o espetáculo que agora estamos a fazer é o da porta: já vinha daí. Portanto a ideia foi ligando-se também, de certa forma, aos pensamentos que nós íamos desenvolvendo com eles.

A materialização das ideias iniciadas nos desafios em projetos concretos é um ponto importante e mostra-nos que existe um diálogo entre o projeto do Movimento Zebra e a produção artística d'O Bando. Uma prática comunitária com caráter sociopolítico retroalimenta a prática artística d'O Bando, demonstrando as influências das comunidades e do Movimento Zebra nas criações dramatúrgicas do grupo teatral que habita a quinta no Vale dos Barris, em Palmela e se apresenta "como um colectivo que elege a transfiguração estética enquanto modo de participação cívica e comunitária"[13] . Nesse sentido, o teatro comunitário praticado pel'O Bando fomenta o Movimento Zebra, que guarda uma particularidade em comparação às confrarias ou a outros projetos d'O Bando, pois, como explica Juliana Pinho, "Tudo partia dos membros do grupo que formavam o Movimento Zebra". Essa particularidade torna a experiência dos

[13] Extrato retirado do texto de apresentação do Grupo O Bando. Disponível em: http://www.obando.pt/pt/o-bando/quem-somos/.

Zebras única. Não foi uma dramaturgia trazida externamente e construída para interpretar-se, mas um processo de construção coletiva onde a experiência da busca pela própria revolução era o mote de criação cênica.

Ao acessar o blogue privado, com a permissão concedida pela diretora artística do projeto, é possível assistir registro dos encontros online que convidam aos desafios semanais (ver imagem abaixo). Este formato não foi escolhido como estratégia de continuação, pois no modo virtual o espaço não é partilhado por todos. O fato de estar cada um em sua casa foi assumido como tal e optou-se por responder aos desafios de modo individual e registrá-los no blogue.

Fig. 2 - Reunião *online* do Movimento Zebra. [F] Arquivo do Movimento Zebra.

As ferramentas que prevaleceram foram as comunicações por e-mail, telemóvel, pelo blogue e o envio de vídeos e mensagens pelo aplicativo WhatsApp, em resposta aos desafios propostos pela equipe.

Os desafios foram enviados semanalmente em três línguas: português, francês e inglês. No primeiro desafio publicado no blogue, no dia 16 de março de 2020, vinculado à última sessão presencial, foi solicitado que cada um escolhesse uma imagem com uma figura humana em movimento com o objetivo de contar uma história a partir da imagem escolhida. O exercício foi explicado através de um vídeo feito por Juliana Pinho. Nas explicações e orientações do vídeo pede-se que, primeiramente, se observe bem a imagem escolhida e que se foquem em algumas perguntas:

> 1. Em que espaço está a figura? 2. Para onde vai? De onde vem? 3.Como se sente? Que emoções identificas no olhar e no corpo? 4. Se ela falasse, o que diria? 5. Está sozinha ou acompanhada? 6. Se a tua imagem ganhasse vida, o que iria ela fazer?
> (Blogue Movimento Zebra, acessado em 24/05/21)

Tais perguntas são motores para que os participantes enviem as suas respostas, porém não são limitadoras. A diretora artística sugere ainda que cada pessoa crie as suas próprias perguntas e que as respostas possam ser enviadas em dois formatos: num texto em português ou em língua materna ou em vídeo para o e-mail da coordenadora artística do Movimento Zebra. O blogue foi a forma encontrada pela equipe para que o grupo continuasse em movimento e conectado com o teatro, constituindo uma ferramenta de trabalho onde, além de se registrarem os desafios semanais, são publicadas as respostas dadas a cada um, textos sobre linguagem teatral e fotos dos processos já realizados desde o início do projeto. Os desafios teatrais foram num total de seis, e no blogue constam, além das respostas de cada um dos desafios, também criações livres que alguns integrantes enviaram.

Um dos desafios intitulado "Abre-se uma porta. A tua porta" foi publicado no blogue no dia 25 de março de 2020, com as seguintes orientações:

> O vídeo deverá começar com uma porta a abrir. A tua porta! Pode ser uma porta interior! E quando ela se abre, tu contas a tua história mas sem usar palavras! Conta aquilo que sentes usando o teu corpo. Se não gostas de mostrar a tua cara, usa as tuas mãos, os teus pés, ou até objectos! Deixa que a tua criatividade resolva os limites da tua timidez. Podes usar uma música que te ajude a criar um ambiente sonoro e espacial. Uma música que represente o que sentes.
> (Texto do desafio 2, Blogue privado do Movimento Zebra)

O desafio também questionou como o isolamento ligado à pandemia alterou a forma de imaginar-se. As respostas a este desafio revelaram imaginários diversos, ampliaram a criatividade do grupo e mostraram como as raízes do trabalho teatral do Movimento Zebra foram bem fincadas. Mesmo que os integrantes estivessem em suas casas e impedidos de se encontrarem devido à pandemia, continuaram criativos e ativos em sua viagem teatral, embora agora por outros meios.

A escolha e a prática de uma dramaturgia viva e conectada à vida são algumas das características mais importantes do Movimento Zebra, pois as histórias pessoais dos participantes eram retrabalhadas e dialogavam com os extratos de textos propostos pela equipe. Ao assistir

aos documentários, percebemos que cada integrante traz um pouco de si para a dramaturgia, o que constitui um processo dramatúrgico endógeno, um teatro vida que alimenta e propicia uma experiência efetiva de interculturalidade, inaugurando um território criativo do teatro migrante onde o foco é o imaginário dos participantes. Esta ideia de território criativo vai ao encontro do que é dito por Musca & Corrêa (2020) ao referir-se a *Passajar*, à percepção de uma experiência que expande a compreensão da realidade, o que se assemelha à performance do Movimento Zebra na ação Ocupação (Festival Todos, 2020), documentada no filme *Movimento Zebra – História de uma Ocupação*, apresentado no Festival Todos 2020.

Longe de pretender restringir o Movimento Zebra numa zona de delimitação como somente teatro migrante, este estudo busca encontrar relações de pertencimento e cumplicidade entre as práticas realizadas no movimento com as que norteiam o conceito de teatro migrante. O exercício de identificar premissas deste conceito na experiência dos Zebras confirma a necessidade de relatos que fortaleçam o panorama do teatro migrante em Portugal. Buscou-se exemplificar como a experiência do contexto português configura um caso exitoso de um território criativo de um possível teatro migrante ancorado nas perspectivas de migração como experiência de corporalidades, como propuseram Cox (2014) e Ahmed (2000), e ainda no teatro migrante como um espaço ético de alteridade apresentado em Musca & Corrêa (2020). Exemplos dessas dinâmicas foram observados nos relatos de participantes, nas suas performances no espetáculo, nos materiais pedagógicos e nos exercícios teatrais acessados nos arquivos do projeto. O protagonismo dos integrantes na construção de uma dramaturgia ficcional com uma proximidade de suas realidades é ampliado através da poética e da potência teatral imaginativa de cada indivíduo, revelando assim suas subjetividades. Como exemplo, este estudo de caso descritivo sobre o Movimento Zebra pretende observar o modo como a migração foi experiência de corporalidade e construção de espaços éticos.

Por encontrar-se em andamento, a investigação que fundamenta este artigo continuará a pesquisa sobre como os participantes do projeto percebem a experiência relatada e como esta contribuiu para as relações de interculturalidade. É nesta seara que habita a complexidade de trabalhos dessa natureza. Ao escutar os relatos da equipe, pode perceber-se como a esfera governamental diferencia, por mais que publique editais específicos de financiamento, projetos com este público-alvo. O diferenciamento está na oferta de espaços de trabalho apropriados para os encontros e ações do movimento, na logística de acesso aos ensaios dos participantes que vivem em territórios distanciados do centro e na dificuldade da continuidade do custeio das ações do projeto. O grande empenho da equipe é buscar soluções para dar continuidade às ações do Movimento Zebra, procurando criar novos projetos com o mesmo grupo, o que já se encontra em curso e está sendo acompanhado por esta investigação.

Patrícia Anthony

Atriz, performer e mestre em Retórica de Artes pela Université de Pau et Pays de L'Adour, França. É professora efetiva da Universidade Regional do Cariri-URCA, Brasil. Doutoranda no Doutoramento em Letras e Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Referências

AHMED, Sara (2000), *Strange Encounters: Embodied Others in Post-Coloniality*, London, Routledge.

ARIAS, P. G (2010), "Corazonar el sentido de las epistemologias dominantes desde las sabidurias insurgentes, para construir sentidos otros de la existência", *Calle12*, 4.5, pp. 80–94.

CANCLINI, Nestor Garcia (2009), "Diversidade e direitos na interculturalidade global", Revista *Observatório Itaú Cultural* nº. 8 (abril/julho), São Paulo, Itaú Cultural.

COX, Emma (2014), *Theatre and Migration*, New York, Palgrave Macmillan.

NOUSS, Alexis (2016), *Pensar o exílio e a migração hoje*, trad. Ana Paula Coutinho, Porto, Afrontamento & ILCML-FLUP.

–, (2017), "L'exil et la migration aujourd'hui: rupture ou continuité? dans la collection Tout se transforme", Conférence, Fondation Calouste Gulbenkian, Délégation en France.

Movimento Zebra (2019), Relatório de Actividades – outubro a dezembro de 2019.

–, (2020), Relatório de Actividades – janeiro a abril de 2020.

–, (2020), Relatório do projeto filmico *Movimento Zebra – Ocupação Teatral*.

MUSCA, Szabolcs (2019), "Theatre and Migration between Ethics and Aesthetics", *Performing Ethos*, vol. 9, pp. 3–8.

–, / Graça P. Corrêa (2020), "'White People All Over': Refugee Performance, Fictional Aesthetics, and Dramaturgies of Alterity-Empathy", *Contemporary Theatre Review*, 30.3, pp. 375–389.

Organização Internacional para as Migrações – OIM (2009), *Glossário sobre Migração*.

Setúbal Território Intercultural (2017), Plano Municipal de para integração de migrantes.

TONUS, J. L (2018), "Migrantes e refugiados: à (a) espera de uma narrativa?", *Letras de Hoje*, 53.4, 476-483.

WALSH, Catherine (2018), *Pedagogias decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re)vivir*, tomo II, Série Pensamiento Decolonial, Quito, Ediciones Abya-Yala.

Sites consultados

Alexis Nouss - La Condition de l'exilé - JMR Marseille 2019 - Bing video (https://vimeo.com/390988937, acesso em 28/05/2022).

Festival Todos (www.festivaltodos.com, acesso em 28/05/2022).

Migra (projetomigra.com) (https://www.facebook.com/projetomigra, acesso em 28/05/2022).

Movimento Zebra, Teatro O Bando (http://www.obando.pt/pt/espectaculos/2018-2022/movimento-zebra-2020/, acesso em 28/05/2022).